

**FESTEJOS PÚBLICOS E DIVERTIMENTOS PRIVADOS
NO PORTUGAL SETECENTISTA - *ALGUNS CASOS*
(1750 - 1800)**

MARIA HELENA VILAS-BOAS E ALVIM
Universidade Portucalense - Porto

A festa, manifestação tão antiga quanto enraizada na memória mais longínqua dos povos, vocábulo capciosamente simples porquanto carregado de complexos simbolismos, é, também, um encontro do nosso ser mais profundo com o Outro. Encontro esse em que se celebram, de modo muito particular, os grandes momentos do acontecer humano.

Em Portugal, como alhures, a monarquia absoluta soube captar com astuciosa oportunidade, este fenômeno universal. Na época barroca o expressionismo da festa vai atingir intensidade e espetacularidade verdadeiramente notáveis.¹ A novidade, a invenção e artifício, ao serviço da pompa e da magnificência, são marcas sempre presentes a alegrar as celebrações de júblio ou a solenizar os rituais da morte.

Bastará recordar os impressionantes bandos que, vestidos de negro mantel apregoavam em lúgubres vozes a notícia da morte do soberano.² Ou lembrar a aparatosa cerimônia da quebra dos escudos, que se efetuava no meio do mais rigoroso nojo nos principais núcleos populacionais do país.³ Ou referir, ainda, as soleníssimas exéquias celebradas com o que de mais grandioso realizava a arquitectura do efêmero...⁴ Ora, todas estas produções se destinavam a impressionar o povo com o intuito de o fazer comungar no drama do desaparecimento do monarca, legatário terreno do poder divino. Era a pequenez do homem anônimo face à grandeza, ainda que na morte, do Soberano Iluminado.

¹ Le Roy Ladurie, Emmanuel - "Baroque et Lumière", in *Histoire de la France urbaine. La ville classique*, Paris, Editions du Seuil, 1981, p.450.

² Descrições destes bandos, bem como da cerimônia da quebra dos escudos encontram-se em periódicos de finais do século XVIII e ainda do século XIX. Leia-se, também, sobre o mesmo assunto a comunicação de Maria Helena Vilas-Boas e Alvim - "A Morte de D. Maria II na imprensa periódica portuense", in *Actas do Congresso O Porto na Época Contemporânea*, 9 a 14 de Outubro de 1989 - no prelo.

³ Idem, *ibidem*.

⁴ Idem, *ibidem*.

No longo luto que se seguia purgava-se a nação dos próprios pecados, até que, apaziguada a dor que se queria profunda e chamativa, chegava a hora de celebrar o advento do novo monarca. Porque "rei morto; rei posto" - este o grande mérito do sistema, já que chorando, embora, o povo o Pai perdido, jamais, de fato, ficara órfão...

Com idêntica carga emotiva, mas agora de caráter lúdico, entrava em cena a festa, que incluía luminárias, fogos de artifício, cavalhadas, corridas de touros, cortejos e desfiles, espetáculos musicais e teatrais, movimentações de tropas, danças de "figuras" ou "máscaras", encamisadas, serenatas, carros triunfais, cantorias e várias outras. Por demais aprendera a "ciência" política que "... nos Estados deve o povo estar sempre ocupado em coisa útil ou deleitosa, para evitar a ociosidade e os vícios que vêm de mistura".⁵

Sempre que nascia um infante, quando reis ou príncipes se casavam, por ocasião de aniversário real ou de qualquer outro acontecimento político relevante, nomeavam-se comissões com o encargo de produzir espetáculo brilhante que perdurasse na memória. O povo era, então, chamado a partilhar a alegria da realeza, que generosamente se afirmava, dadivosa.

Aqui se nos depara a dupla vertente da festa pública barroca: a realeza - *emissor* - "oferece-se" ao povo - *receptor* -, promovendo "o amor e o respeito dos vassallos para com o soberano e a sua real dinastia".⁶

O povo, por seu turno, não se constitui apenas como *espectador* mais ou menos deleitado, mas assume-se como sujeito participante; ele salta para dentro da festa e torna-se, também, *ator*.⁷

1 - Uma vez chegada a notícia do acontecimento a celebrar às autoridades locais, estas anunciavam-na à população através do pregão.

Ao mesmo tempo os moradores eram, normalmente, intimados a porem luminárias em suas casas, bem como a ornamentarem as janelas e limparem as ruas.

O bando que anunciou à cidade do Porto o "fausto sucesso" do nascimento em 29 de Abril de 1793 da Infanta D. Maria Teresa, filha do príncipe D. João e de D. Carlota Joaquina era acompanhado de "toque de caixas, e clarins, [nele], além do Porteiro hia o alcaide da Cidade com outros Officiaes vestidos de gala, todos montados em soberbos, e bem ajaezados cavallos, precedidos de outros muitos Officiaes de pé ricamente vestidos...".⁸ Pelo seu colorido, pelo som dos instrumentos que o acompanhava, o bando constituía já um cortejo inicial, funcionando, na prática, como

⁵ Pizarro e Araújo - *Memórias históricas do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro.

⁶ Nizza da Silva, Maria Beatriz - *Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)*, S. Paulo, C.Ed. Nacional, 1978, p.57 (Transcrição de R.I.H.G.B., t.55, parte 1, p.379).

⁷ Maraval, José António - "Teatro, fiesta e ideologia en el Barroco", in *Teatro y Fiesta en el Barroco. España e Iberoamérica*, Barcelona, Ediciones del Serbal, 1986, p.91.

⁸ Transcrito por Ferreira Alves, Joaquim Jaime Barros, in *A Festa Barroca no Porto ao serviço da Família Real na segunda metade do século XVIII*, Porto, 1987, p.10.

primeiro momento da festa. Ao mesmo tempo, ia aquecendo a imaginação das gentes, deixando-lhes antever gozos futuros.

Por sua vez, o espetáculo feérico da luz⁹, em épocas em que o ciclo natural do tempo provocava longas horas de escuridão, criava uma conjuntura de exceção, na qual os ânimos se iam exaltando, esquecidos, por momentos, a miséria e os embaraços do quotidiano viver.

Haverá ainda a acrescentar, a esta modificação da paisagem habitual, um terceiro elemento - o ruído. Ao repicar dos sinos, às descargas feitas pelos regimentos, pelos barcos ancorados e pelas fortalezas vinha-se juntar o ribombar dos foguetes ou os estouros coloridos do fogo de artifício.

Seguindo a velha e sábia fórmula do "panem et circensis", acontecia que também se oferecessem "bem servidos jantares", profusas ceias" e "refrescos".¹⁰ Os mais pobres e desafortunados eram igualmente chamados a partilharem o sentimento de gratidão pela munificência real. Os encarcerados saboreavam, então, "asseados jantares" e juntamente com "os mendigos, viúvas e mais pessoas miseráveis e envergonhadas da Terra" eram ainda contemplados com esmolas.¹¹

Fisicamente distantes, confinados aos reais paços lisboetas, o Monarca e a sua Família, preenchiam com estas e outras práticas o espaço da ausência, congregando o povo em redor de uma imagem sabiamente gerida.

Outro elemento indispensável nas festas associadas à Família Real eram as cerimónias religiosas, que usualmente se compunham de missa, oração, Te Deum e procissão.

No caso acima referido do nascimento da Infanta D. Maria Teresa, em Maio de 1793 efetuaram-se, no Porto, três Te-Deum, duas Orações "eloquentíssimas", duas procissões e dois pontificais solenes com Exposição do Santíssimo.¹²

Numa sociedade sacralizada a Igreja fazia questão em que as festividades religiosas ocupassem um espaço pelo menos igual ao preenchido pelas atividades de cariz profano. Eram esses dois sustentáculos do Antigo Regime como que a medir forças, em desafio em que não poderia haver vencedor nem vencido, pois que a estabilidade do sistema assentava numa conveniente distribuição das respectivas influências...

Viajantes estrangeiros, que no século XVIII visitaram o nosso país e dessa visita deixaram notícia escrita, são unânimes em concordar com o enorme espaço atribuído na sociedade portuguesa às festas da Igreja. Porém, mesmo naquelas em que

⁹ "A luz, símbolo da fidelidade entre a população e a Família Real". Ferreira Alves, Joaquim Jaime Barros, *op. cit.*, p.11.

¹⁰ Idem, *Ibidem*, p.14.

¹¹ Idem, *Ibidem*, p.14.

¹² Idem, *Ibidem*, p.13.

a Família Real ou o Estado Absoluto não eram o agente determinante, o aparelho do Regime estava sistemática e estrategicamente representado.

Carl Israel Ruders, que permaneceu em Portugal entre os anos de 1798 e 1802, logo no início da sua estadia, após ter assistido à procissão do Corpo de Deus, que descreve com cuidadosa minúcia, refere, em determinado passo: "O príncipe do Brasil, que está fazendo as vezes de rei, com os mais ilustres senhores do reino vai a pegar no pátio, debaixo do qual é conduzida a sagrada hóstia".¹³ E ainda: "Acompanha também a procissão um grande número de funcionários, de oficiais superiores, de cavaleiros e a corte".¹⁴

Observador atento, mas não envolvido, Ruders termina o seu relato com a seguinte observação: "Há quem pretenda que a festa do Corpo de Deus, em Lisboa, é a mais brilhante deste género em toda a Igreja Católica".¹⁵ Carrère, que pela mesma época estanciava em Portugal (1796), é peremptório: "É o que se pode ver de mais belo em Lisboa e talvez seja a única coisa que mereça o interesse de qualquer estrangeiro".¹⁶ Ilações do género destas lembram-nos que, se por um lado, a literatura de viagens é fonte importante do conhecimento histórico, por outro lado, torna-se imprescindível uma rigorosa crítica dos dados colhidos, quantas vezes aprioristicamente e apreciados com subjetividade excessiva.¹⁷ O que, de imediato, nos leva a transcrever a opinião do controverso e emotivo William Beckford, colhida por volta de 1783: "A procissão desceu vagarosamente a grande escadaria, ao som de coros e do longínquo troar da artilharia, e desapareceu no volta de uma rua ornada de tapeçarias bordadas, deixando-me aturdido e deslumbrado, como se despertasse de uma visão de celestial esplendor!"¹⁸.

Relativamente aos cuidados postos na preparação desta festa religiosa (e de outras, como as comemorações da Semana Santa) estes autores, e mais alguns que nos abstivemos de citar aqui, são unânimes em reconhecer que deles resultava espetáculo magnífico. Beckford descreve: "Quando dobrámos um recanto (...) descobrimos as casas, as lojas, os palácios, tudo transformado em pavilhões e armado de cima até abaixo de damasco vermelho, de tapeçarias, de colchas de cetim e de cobertas franjadas de luzente ouro".¹⁹ E com o envolvimento habitual comenta: "Julguei-me

¹³ Ruders, Carl Israel - **Viagem em Portugal, 1798-1802**, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981, p.51.

¹⁴ Idem, *ibidem*, p.51.

¹⁵ Idem, *ibidem*, p.52.

¹⁶ Carrère, J.B.F. - **Panorama de Lisboa no ano de 1796**, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1989, p.54.

¹⁷ Consulte-se sobre a temática "Viagens", **Prelo**, nº 19, Janeiro/Março 1991, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

¹⁸ **A Corte da Rainha D. Maria I**, Correspondência de W. Beckford, Lisboa, 1901, p.22.

¹⁹ Idem, *ibidem*, p.21.

transportado ao acampamento do Grão-Magol tão pomposamente descrita por Bernier!"²⁰.

Voltando ao equilibrado relato de Ruders, que também está de acordo com o "aspecto excessivamente belo" resultante do engalanamento dos edifícios, praças e ruas, obtemos informações sobre a luz e o som que sempre acompanhavam estas funções. "Na véspera, suspendeu-se em arcos iguais, colocados a certa distância uns dos outros, grandes lanternas que ardem toda a noite dando a luz mais brilhante".²¹ Durante essa noite as ruas estariam péjadas de gente e, no dia seguinte, logo de manhãzinha os Regimentos da guarda de Lisboa, vestindo os uniformes de gala, desfilaram ao som das marchas de cada um deles "sempre muito bem tocadas".²² Quanto à assistência, uma referência especial para as senhores, que às janelas e varandas das casas situadas no trajecto da procissão, se apresentavam "coruscantes de jóias preciosas arrecadas".²³ As damas da nobreza, buscando local estratégico donde pudessem ver e melhor ser vistas, faziam-se convidadas dos moradores dessas casas "para lhes ocuparem as janelas e ao mesmo tempo lhes tomarem alguns refrescos".²⁴

Consideremos agora, os jogos, paradas e deambulações militares no contexto da festa pública barroca. Não era obrigatória a existência destas funções nos programas das festas, mas há notícias várias de lutas e simulacros militares não só em Portugal, como no Brasil.

Por ocasião dos festejos do aniversário do rei D. José, em 1757, D. João de Almada e Melo mandou preparar na Praça da Cordoaria, no Porto, um exercício militar em que se simulou o ataque a uma fortaleza, erguida como esse fim.²⁵ Era freqüente, neste tipo de celebrações, "reviver os combates entre cristãos e mouros, onde, segundo Bonet Correa, o espírito de cruzada se unia à velha tradição, sem dúvida de origem indo-europeia, do combate teatralizado entre as forças do bem e as do mal".²⁶

Não raro estas manifestações ocorriam integradas naquele outro importantíssimo item das festividades - a tourada. Nas suas interessantíssimas "Memórias" o P^o Luís Gonçalves dos Santos descreve um *tripúdio militar* realizado em 1818, na cidade do Rio de Janeiro, aquando dos desponsórios do Príncipe D. Pedro, realizado por soldados que "entraram na praça com as músicas dos seus respectivos corpos, e depois das continências executaram com muito primor e firmeza várias

²⁰ Idem, *ibidem*, p.21.

²¹ Ruders, Carl Israel, *op. cit.*, p.50.

²² Idem, *ibidem*, p.50.

²³ Idem, *ibidem*, p.51.

²⁴ Idem, *ibidem*, p.51.

²⁵ Ferreira Alves, Joaquim Jaime Barros, *op. cit.*, p.19.

²⁶ Idem, *ibidem*, pp.18-19.

evoluções, fazendo por três vezes fogo volante; e finda esta vistosa dança, feitas as continências, se retiraram, dando lugar à continuação da corrida de touros".²⁷ Nesse mesmo ano, nos festejos realizados na aclamação de D. João VI, os soldados igualmente "executaram a dança militar com muito agradáveis evoluções"²⁸.

Com a tourada atingia-se um dos momentos mais altos da festa. Parece-nos assaz elucidativa a opinião de João Baptista de Castro, que em 1747 escrevia: "Sobre os divertimentos, o mais célebre, e plausível he o combate dos touros, ou seja a pé, ou de cavallo: festa (...) para a qual todos concorrem com grande gosto e se fazem com muito apparato, e magnificencia".²⁹

É que além do espectáculo dos touros propriamente dito, a tourada pressupunha todo um mundo de manifestações festivas, que preparavam o público para as lides dos curros - fogo de artifício, música, danças, cortejos com cantos alegóricos....

2 - Cumpridos os dois anos de luto pesado e arrastado, pelo falecimento do senhor D. João V, resolveu o Senado da Cidade de Lisboa comemorar com uma tourada o advento do novo monarca.

O espetáculo, para o qual foi devidamente preparado o Terreiro do Paço, queria-se grandioso e memorável, a fazer perder de vista os que até então se haviam realizado. E o Marquês de Alegrete, Fernando Telles da Silva, então presidente do Senado da Câmara foi o incansável e expedito organizador dessa tourada, que se realizou no dia 28 de Agosto de 1752.³⁰ Às duas horas da tarde El-Rei D. José acompanhado da rainha D. Mariana Vitória assumando à varanda do palanque, dá início à função.

Entretanto, a praça imensa encherá-se com gentes de todas as condições, irmanadas no antegozo da festa, esquecidas finuras de "status" social, lembradas, embora, pela distribuição dos lugares no vasto redondel.

A Guarda Real dos Archeiros - centena e meia de homens garbosamente enfarpelados - abre o cortejo, logo seguida dos sete forcados, com as suas vesteras vermelhas, e dos dez toureiros de pé, que se recolhem na trincheira.

É chegado o momento das danças, tão ansiosamente esperadas, e anunciadas, na véspera, em folhetos variados, com o intitulado "Curioso mappa das vistosas entradas e danças que hão de preceder aos combates de Touros que no Terreiro do Paço se hão de combater".³¹

²⁷ Citado por Nizza da Silva, Maria Beatriz, *op. cit.*, p.63.

²⁸ Castro, João Baptista de - *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*, tomo I, Lisboa, Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1742, p.216.

²⁹ *Idem*, *ibidem*, pp.63.

³⁰ Dantas, Júlio - *Outros Tempos*, Lisboa, Livraria Clássica Editora de A.M. Teixeira e C^{ta}., 1909, p.130.

³¹ *Idem*, *ibidem*, p.135.

A primeira dança - ou folia, como também era uso designá-las - a aparecer é a das regateiras do peixe, da cidade, que se movimentam ao ritmo do "oitavado" e da "chacoina". Seguem-se-lhe as colareijas da fruta, dançando o "arrepia". Em terceiro lugar surgem as corraleiras, que executam os passos das "fofas" e do "sarambeque". As ciganas, contorcendo-se ao som do tambor, bailam folias castelhanas. Os negros vão atrás delas, às cabriolas, empunhando os arcos com flechas. Por último a "dança das espadas", a que não falta o tradicional Rei David.

Por esta altura entram os gigantes, com as suas máscaras de enormes narizes, para entreterem a multidão inquieta e turbulenta, enquanto os galegos vão aguardo o terreiro, donde se levantara formidável nuvem de pó.

É então que os carros triunfais iniciam o desfile. O primeiro, puxado por seis cavalos disfarçados de leões, encimado pela figura da Fama, soprando grande trompeta de prata, transportava as figuras das Virtudes e das Conquistas de Portugal, envolvidas em deslumbrantes vestes. O carro seguinte representava o Parnaso; vinha ladeado de músicos e transportava poetas, que atiravam a quem as quisesse apanhar pequenas folhas com versos.

Só depois deste íterim, é que a tourada propriamente dita tem início, introduzida pelo Neto que, após as cortesias do costume, se retirava, não sem antes transmitir o sinal de entrada dos cavaleiros.

Logo se dá início ao desafio entre a força pesada e bruta do animal enfurecido e a destreza astuciosa e bonita de ver do rei da criação. O entusiasmo do público sobe de tom, e assim que os toureiros de pé vêm fazer as suas lides é o delírio, a desvairamento.

O climax é atingido quando, no último número, que se anunciara como surpresa formidável, aparece enorme carroça armada de vermelho, no centro da qual se postava um poderoso leão dourado. Bruscamente, das suas goelas, irrompem chamas que logo devoram a armação do carro - e de dentro de tudo isto salta, furioso e assustado, para a arena, o último dos touros a ser lidado. Estacada rápida e certa, põe-lhe fim à vida; e com ele termina, também, esta tourada que ficaria famosa na história do toureiro português setecentista.³²

3 - No que toca aos divertimentos privados a opinião expressa por Carrere coincide com os pontos de vista dos outros visitantes estrangeiros, que por aqui estanciaram no século XVIII. E como para aqueles que pretendem estudar os aspectos reais e vivos do Portugal daquela época estes testemunhos se tomam indispensáveis, à falta de diários, memórias, inquéritos ou relatos genuinamente nacionais, deles nos socorremos, pesem embora as suas muitas limitações.³³ Posto o que passamos a transcrever o ponto de vista do autor do "Panorama de Lisboa no anno de 1796": "os

³² Na impossibilidade de encontrar o documento original em que se baseou Júlio Dantas para escrever este estudo, socorremo-nos de algumas passagens do mesmo, particularmente as mais coincidentes com descrições de touradas portuguesas na mesma época e em circunstâncias semelhantes.

³³ Carrère, J.B.F., *op. cit.*, "Prefácio", p.7.

portugueses convivem pouco uns com os outros, e menos ainda com os estrangeiros. Raramente se reúnem e as suas assembleias não são animadas, não sendo fácil a qualquer estrangeiro ser admitido a participar nela".³⁴

É curioso notar que, alguns anos mais tarde, referindo-se à sociedade do Rio de Janeiro, naquela época em que por determinantes da ordem política e econômica, a corte ali se estabelecera, criando um meio social muito semelhante ao da capital metropolitana, um outro viajante estrangeiro, Von Leithold referiria: "A vida que aqui se leva é muito monótona; poucas são as distrações e quase não há reuniões sociais".³⁵ Significa isto que ainda que havendo divertimentos vários, não existiriam formas de sociabilidade desenvolvidas.

O teatro quer se tratasse de teatro declamado, lírico e mesmo de bailado, ocupava importante lugar no conjunto das diversões privadas. Contudo, durante a vigência da rainha D. Maria I, as peças representadas eram prejudicadas pelo fato dos papéis femininos serem invariavelmente dados a atores masculinos. Facilmente se imagina o grotesco daí resultante e que Arthur William Costigan, em carta escrita em Lisboa em 1779, descreve da seguinte forma: "Foi uma autêntica farsa; na minha maneira de ver, excedeu em ridículo e burlesco tudo quanto de mais grosseiro, mesmo nos tempos mais rudes, foi alguma vez produzido no teatro".³⁶ Cerca de nove anos mais tarde, o Marquês de Bombelles regista no seu "Diário", que embora as decorações e os adereços usados nos teatros da rua dos Condes e no do Salitre fossem soberbas, as representações eram inimagináveis: "*obscénité de paroles, de gestes, absurdités de tout genre servent d'amusements à une multitude dont la majeure partie est des classes honnêtes ou distinguées de cette capitale (...)*, e confessa não poder sentir qualquer prazer "*à voir des hommes à barbe noire, habillés en femmes, sauter sans l'ombre d'une grâce et souvent sans mesure*".³⁷ Em 1800 Carl Ruders refere a existência de mais um teatro -o de S. Carlos - e informa que "os espectáculos, desde que Sua Alteza Real assumiu o governo, começam a ser mais interessantes do que no tempo da rainha".³⁸ Refletindo que o uso de castrados em papéis femininos, particularmente no teatro lírico, chegava por vezes, "a criar ilusão (...) o pior de tudo, e o mais odioso, era quando nos bailados apareciam latagões barbudos representando alguma das deusas do Olimpo ou (...) qualquer mortal beleza nua".³⁹ Por esta altura, para além da

³⁴ Idem, *ibidem*, p.43.

³⁵ Citado por Nizza da Silva, Maria Beatriz, *op. cit.*, p.67.

³⁶ Costigan, Arthur William - *Cartas sobre a Sociedade e os Costumes de Portugal, 1778-1779*, vol.II, Lisboa, Lisóptima, 1989, p.149.

³⁷ Bombelles, Marquês de - *Journal d'un Ambassadeur de France au Portugal. 1786-1788*, Paris Presses Universitaires de France, 1979, p.255.

³⁸ Ruders, Carl Israel, *op. cit.*, p.88.

³⁹ Idem, *ibidem*, p.90.

contratação de atrizes, cantoras e bailarinas, ainda que em número insuficiente para suprir as necessidades existentes, contava-se com a introdução "dos melhoramentos que as circunstâncias atuais, segundo se espera, não deixarão de introduzir nos teatros de Lisboa".⁴⁰

Um outro aspecto que nos interessa abordar relaciona-se com a forma como as pessoas, no espaço das suas casas, organizavam uma reunião de amigos, um jantar ou um serão.

As fontes de que dispomos levam-nos, de novo, a privilegiarmos os estratos superiores da sociedade. Assim, juntamente com o Marquês de Bombelles entraremos no Palácio do Marquês de Penalva, que queria homenagear o embaixador da França, recebendo-o na sua intimidade e apresentando-lhe a numerosa e ilustre família. Reunidos cavalheiros e damas, após a troca de amabilidades inicial, as senhoras da família, acompanhadas de excelentes executantes, cantaram com grande competência "*de beaux airs italiens*". Executada a música, cerca das oito horas, foram servidos chá, chocolate, café, pastéis, bombons. Uma hora mais tarde a companhia dessedentou-se com limonadas e refrescos semelhantes, para entre as dez e as onze horas se separar, regressando a suas casas. Então, se assim o quiser, cada um ceará, na intimidade do seu lar. E Bombelles aprova: "*Chose plus convenable à un pays chaud que de grands soupers où les femmes sont gênées par leur parure et où rarement on est placé de façon à trouver dans les voisins le genre de conversation ou d'amusement qu'on désire*".⁴¹

Num jantar relatado por Arthur William Costigan, após o café "conforme o costume do país, algumas pessoas puseram-se a jogar às cartas, outras a passear num jardim muito bem arranjado, outras a jogar ao bilhar e outros jogos (...)"⁴²

O mesmo Costigan alude a uma reunião, em casa de um nobre português, em 1779. Nele foram servidos "chá em abundância, café e doces a uma numerosa sociedade; uns puseram-se a dançar contradanças e outros passaram para dois compartimentos vizinhos, onde tinham posto mesas de jogo, numa das quais o filho mais velho da família instalara uma banca de faraó, que atraía muita gente".⁴³ Se prosseguíssemos com mais exemplificações iríamos encontrar, para esta época, hábitos semelhantes, divergindo muito ligeiramente, dentro do universo social referido. Por vezes, e quando se tratava de recepções em casas com grandes jardins e com maiores assembléias, havia também belos jogos de artifício e orquestras que, colocadas em pavilhões, embalsamavam a noite com os seus sons. Não faltavam também poetas que, em belos improvisos, vinham requestrar damas, ou lançar reptos aos cavalheiros. É uma destas magníficas funções, oferecida pelo conde de Pombeiro, na sua casa de Campo

⁴⁰ Idem, *ibidem*, p.100.

⁴¹ Bombelles, Marquês de, *op. cit.*, p.73.

⁴² Costigan, Arthur William *op. cit.* vol.II, p.39.

⁴³ Idem, *ibidem*, vol.I, p.184.

de Belas, que Bombelles entusiasticamente refere no "Jornal...", com data de 4 de Julho de 1787, terminando do jeito seguinte: "*Un excellent souper a suivi ce spectacle nocturne mais qui fournissait le sujet d'un charmant tableau*".⁴⁴ Altas horas da noite, muito próximo da madrugada Bombelles regressa à sua embaixada, ciente de que em Portugal também se sabia receber com grandeza, requinte, galanteria e arte.

4 - Entre os divertimentos mais singulares do século XVIII destacam-se os outeiros, que juntamente com os saraus poéticos, reuniam desde aprendizes da arte das musas a figuras de relevo nas lides do poetar. Os outeiros tinham a particularidade de serem festas que se realizavam no pátio dos conventos, local donde os visitantes poetas iam glosando os motes que as freiras lhes atiravam de entre as grades de portais e janelas. Freiras e não só, sabido como é que já de tempos anteriores ao Século das Luzes era uso recolherem-se aos protetores e supostamente castos muros conventuais, damas e donzelas que ou acasos da fortuna ou inclemências de guerras ou ainda outras razões, ali confinavam, por longos e imprevisíveis períodos. D. Francisco Manuel de Melo bem se insurgiu contra esta prática, muito em voga na centúria de seiscentos, e com a mordaz sabedoria que o caracteriza foi escrevendo que "mosteiros, recolhimentos e outros resguardos semelhantes, em que os homens depositão suas mulheres, não deixão de ser arriscados; e de certo, quando a ocasião não seja muito urgente, he usar com as mulheres ruim lei, e faltarlhes com a fé e companhia devida; porque se cada hũa de aquellas quisesa ser freira, bem escusára de se casar".⁴⁵

Os outeiros de S. Félix de Chelas haviam-se tornado notáveis, mormente porque desde o dia 14 de Dezembro de 1758 as ilustres Alornas ali se "hospedavam" por desiderato do implacável Pombal, que determinara manter sob cuidadosa vigilância toda a parentela dos execrados Távoras.

As duas jovens Alornas ali foram crescendo e se foram educando. Versadas em música, canto, línguas, história, literatura causavam admiração a quem as ouvia. A mais velha, D. Leonor, cedo demonstra uma notável inclinação poética (no que também era seguida por sua irmã D. Maria), provocando viva admiração no meio literário do tempo.

Ora, desta circunstância resulta que, por ocasião da eleição da madre abadessa, ou em outras ocorrências festivas, poetas do tempo, fidalgos parentes de ambas, espíritos curiosos de novas emoções se empenhassem em particular nos outeiros de Chelas.

Ali chegados, logo as duas irmãs eram desafiadas a engendrar os motes que um Filinto Elísio ou um Correia Garção, incondicionais admiradores do talento e dos múltiplos encantos das juvenis poetisas, lhes pediam em desafio insistente. Começava então uma verdadeira girândola poética, em que se a qualidade do verso, e sobretudo

⁴⁴ Bombelles, Marquês de *op. cit.*, pp.142-143.

⁴⁵ Melo, D. Francisco Manuel - *Carta de Guia de Casados*, em Londres, na Oficina de T.C. Hansard, 1820, pp.151-152.

a profundidade dos conceitos, não é exemplar, sob o ponto de vista da espetacularidade, do gozo da criação momentânea e da espirituosa resposta imediata constituía ocasião memorável para os que nela participavam. É que, afinal, a poesia produzida nos outeiros segue os moldes daquele arcadismo então tão celebrado e que de acordo com os entendidos nessas artes se encontrava em período decadentista⁴⁶. Seguindo as arcádicas praxes a D. Maria seria dado o nome de Dafne e a D. Leonor o de Alcipe, que celebrizou no contexto da arte poética portuguesa setecentista.

A festa da eleição da madre abadessa demorava oito dias e ao longo deles era um inovar de divertimentos, em que todos participavam do espírito de alegria, lembradas sempre as conventuais conveniências.

Por isso, numa das noites Leonor e Maria de Almeida, sua irmã, representam algumas cenas de tragédia "Atália" de Racine. Com a vivacidade que a caracteriza Alcipe descreve em carta ao pai, encarcerado no Forte da Junqueira, os pormenores dos fatos que ambas envergavam e o intermédio jocoso em que ela se veste de frialeira (camponesa de Frielas). Nessa noite houve igualmente baile e, pasme-se: as duas lindas e gráceis Almeidas eram incessantemente requestadas para pares das noviças de Chelas!⁴⁷ Nestas e noutras "brincadeiras" as enclausuradas de Chelas iam cevando os naturais apetites mundanos, aproveitando as ocasiões que uma sociedade fortemente hierarquizada lhes concedia para, também elas, saborearem a "festa".

Em jeito de conclusão poderemos afirmar que, quer através de programas sabiamente organizados, em que entrava toda a sorte de diversões que tinham o povo como principal destinatário; quer através de funções várias oferecidas pela nobreza ou pelos estratos endinheirados; quer entrando nos austeros e tranquilos espaços reservados à contemplação do espírito e à mortificação da carne, a Festa a todos convida a olvidar, ainda que por momentos fugazes, a humana condição de Prometeu Agrilhoado...

⁴⁶ Vilas-Boas e Alvim, Maria Helena - "A Marquesa de Alorna - de Defensora das Luzes a Agente Contra. Revolucionário", in *Revista de História das Ideias*, vol.10, Faculdade de Letras, Coimbra, 1988, p.266.

⁴⁷ Alorna, Marquesa de - *Inéditos, cartas e outros escritos*. Selecções, prefácio e notas do Prof. Hernani Cidade, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1941 - várias cartas.